

A PRÁTICA DA COMUNICAÇÃO NA PALAVRA DE DEUS: PERSPECTIVAS TEOLÓGICAS E PASTORAIS

Cristiane Rodrigues de Melo¹

Resumo

A comunicação, compreendida como autocomunicação de Deus e não mera técnica, é elemento fundamental da experiência cristã. Este artigo analisa o dinamismo comunicacional presente na Sagrada Escritura, mediante abordagem hermenêutico-teológica de narrativas do Primeiro e Segundo Testamentos. O percurso evidencia a passagem da ruptura à comunhão, culminando em Jesus Cristo e Pentecostes. Tendo como horizonte pastoral os 350 anos da Arquidiocese de Olinda e Recife, conclui-se que a comunicação eclesial, fundamentada na escuta, no encontro e na participação, é dimensão essencial da missão evangelizadora, interpelando a Igreja a responder aos desafios da cultura digital contemporânea.

Palavras-chave: Comunicação Eclesial. Revelação divina. Hermenêutica bíblica. Pastoral prática.

1 INTRODUÇÃO

A comunicação costuma ser compreendida, sobretudo no âmbito pastoral, a partir de sua dimensão instrumental e técnica. No entanto, essa abordagem mostra-se insuficiente quando situada no horizonte da fé cristã, onde a comunicação participa da própria dinâmica da Revelação. O Deus bíblico não apenas transmite informações, mas comunica a si mesmo, estabelece relação e conduz à comunhão. Deslocar a reflexão de uma perspectiva técnica para uma relacional permite compreender a

¹ Mestranda em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), na linha de pesquisa Teologias e Temas de Fronteiras, com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Pós-graduada em Psicopedagogia com ênfase em Espiritualidade pela Universidade do Oeste de Santa Catarina. Graduada em Teologia pela UNICAP e Licenciada em Filosofia pela PUC-PR. Religiosa da Pia Sociedade Filhas de São Paulo (Irmãs Paulinas), autora de obras nas áreas de catequese, e coautora na área da espiritualidade e pastoral. E-mail: cristiane.00000017925@unicap.br

comunicação eclesial como parte profunda da missão evangelizadora da Igreja.

Essa discussão adquire particular relevância no contexto celebrativo dos 350 anos da Arquidiocese de Olinda e Recife. Mais do que um marco histórico, o jubileu convida a Igreja local a olhar para sua trajetória e discernir os desafios presentes, especialmente diante da cultura digital. Esse ecossistema contemporâneo não funciona apenas como canal de transmissão, mas como uma verdadeira ambiência cultural onde as novas gerações constroem identidades, expressam conflitos e buscam sentido, exigindo que a ação pastoral não trate a comunicação como dimensão secundária.

Diante desse cenário, a questão que orienta este estudo pode ser formulada da seguinte maneira: que critérios a dinâmica comunicacional presente na Sagrada Escritura oferece para a prática da comunicação evangelizadora da Igreja, especialmente diante dos desafios da cultura contemporânea? Parte-se da hipótese de que, se Deus se revela comunicando-se, a maneira como a Igreja comunica o Evangelho é uma questão propriamente teológica. A comunicação eclesial precisa guardar coerência com o agir divino, estabelecendo relação, acolhendo a alteridade e promovendo o diálogo.

O objetivo deste artigo é, portanto, analisar o dinamismo comunicacional presente na Sagrada Escritura como fundamento para a edificação da comunhão eclesial, identificando critérios teológicos e pastorais para o contexto atual. Para isso, realiza-se um percurso bíblico-teológico — da criação à experiência de Pentecostes — para fundamentar o diálogo com a reflexão teológica contemporânea sobre comunicação. Por fim, apontam-se os desafios práticos e pastorais que se apresentam para a missão evangelizadora da arquidiocese em seu horizonte jubilar.

O percurso proposto parte, assim, de uma convicção fundamental: a Igreja não é chamada simplesmente a comunicar a Palavra, mas a tornar-

se, em sua própria maneira de relacionar-se, uma comunicação viva da Palavra que anuncia.

2 DEUS SE COMUNICA: A PALAVRA QUE CRIA E ESTABELECE RELAÇÃO

A Sagrada Escritura apresenta, desde suas primeiras páginas, a iniciativa dialógica de Deus. O relato da criação não parte de um silêncio absoluto, mas de uma Palavra geradora: “Deus disse...” (Gn 1). A manifestação divina ultrapassa a mera enunciação, ela efetiva aquilo que anuncia. Quando o Criador fala, a realidade se estrutura. Nesse horizonte, o ato comunicativo possui uma dimensão performativa: ele plasma, ordena, diferencia e viabiliza a própria existência. O universo surge, portanto, como fruto de uma voz vital que inaugura uma ordem de alteridade, situando o diálogo como dimensão constitutiva do vínculo entre a Divindade e o cosmos.

Essa perspectiva permite compreender a comunicação como dimensão constitutiva da relação entre Deus e sua criação. O Deus bíblico não permanece recluso em sua transcendência, ele se inclina ao ser humano e ingressa na história. A comunicação divina é, portanto, movimento de saída de si em direção ao outro, conferindo à Revelação seu profundo caráter relacional. O Altíssimo não se manifesta para saciar uma curiosidade intelectual, mas para inserir a humanidade em uma dinâmica de comunhão cuja finalidade última é a participação na vida divina.

Essa perspectiva encontra fundamentação na *Dei Verbum*. A Constituição conciliar afirma que Deus, por sua Revelação, manifesta e comunica a si mesmo por meio de palavras e gestos intimamente conectados (DV, 1965, n. 2). Logo, esse processo supera o mero repasse de dogmas ou proposições religiosas; ele se consolida no cerne de uma jornada compartilhada. Sob esse viés, a comunicação cristã não pode ser reduzida à transmissão de conteúdos. Seu verdadeiro horizonte é o encontro. A Palavra abre espaço para a proximidade e convoca o interlocutor a uma resposta.

2.1 O Jardim: quando a relação é rompida

A narrativa de Gn 2–3 apresenta, de maneira simbólica e teológica, a ruptura da confiança que atravessa a relação entre Deus, o ser humano e a criação. O texto descreve uma realidade na qual o ser humano vive em proximidade com o Criador, com o semelhante e com a terra. Essa cisão introduz medo, ocultamento, acusação e deslocamento da responsabilidade. Quando Deus pergunta: “Onde estás?” (Gn 3,9), a indagação não deve ser compreendida apenas como busca de uma localização física. Trata-se de uma pergunta relacional: Deus procura o ser humano que se esconde. A comunicação divina manifesta-se, assim, como busca do outro.

É significativo que, mesmo após a queda, a Palavra não silencie. O pecado não anula o ímpeto divino de reatar o vínculo: diante do distanciamento humano, o Criador permanece chamando, perguntando e procurando. A narrativa oferece, desse modo, um primeiro critério para pensar a comunicação pastoral: comunicar é também procurar o outro onde ele se encontra. Uma comunicação que ignora a realidade concreta das pessoas e se limita à emissão de conteúdos corre o risco de reproduzir uma lógica autorreferencial. A comunicação evangelizadora, por sua vez, precisa começar pela pergunta de Deus: “Onde estás?”

Essa pergunta possui especial força pastoral em uma sociedade na qual muitas pessoas vivem experiências de solidão, invisibilidade e não pertencimento. Antes de perguntar como falar às pessoas, a Igreja precisa se perguntar se sabe encontrá-las.

2.2 Babel: quando a comunicação se transforma em instrumento de poder

A narrativa da Torre de Babel (Gn 11,1-9) descortina outro aspecto fundamental do fenômeno comunicativo. Nela, os seres humanos compartilham o mesmo idioma e articulam um projeto comum. Entretanto, essa unidade nasce orientada pela pretensão de centralização, autossuficiência e poder: “Vamos construir para nós uma cidade e uma torre

cujo topo chegue até o céu" (Gn 11,4). O impasse de Babel não reside na capacidade técnica de edificar, tampouco na existência de um código verbal unificado. O que se torna problemático é o uso desse potencial a serviço de um projeto de concentração e exaltação de si.

A linguagem possui a força de gerar comunhão, mas carrega igualmente o risco de ser instrumentalizada para a dominação. Se por um lado ela aproxima, por outro pode manipular; se é capaz de criar espaços de encontro, pode também produzir exclusão. Essa ambivalência ganha contornos dramáticos no cenário das redes sociais e dos meios digitais, onde a palavra atinge uma escala inédita. Informação, opinião e discurso tanto favorecem o diálogo e a participação quanto alimentam polarizações, desinformação, hostilidades e discursos de ódio.

Babel funciona como um permanente lembrete de que nem toda comunicação produz comunhão. Daí decorre que a questão ética fundamental não repousa apenas no o que comunicar?, mas em compreender a serviço de que projeto está a nossa comunicação?. Essa provocação interpela diretamente a Igreja. A comunicação eclesial desfigura sua natureza evangelizadora quando degenera em ferramenta de autopromoção institucional, disputa de visibilidade ou blindagem autorreferencial. A palavra cristã só preserva sua coerência com o Evangelho quando permanece descentrada de si, orientada para o Reino e para a vida.

2.3 Jacó: a gratuidade da iniciativa divina

Em Gn 28,10-22, a narrativa apresenta Jacó em plena fuga e solidão no deserto. Ao adormecer, ele vislumbra em sonho uma escada que conecta o céu e a terra, por onde anjos sobem e descem. Essa imagem constitui uma poderosa metáfora do fluxo comunicativo entre a transcendência e a imanência. Aquele espaço, que outrora parecia apenas um cenário inóspito de passagem e abandono, transfigura-se em solo

sagrado de manifestação divina. Ao despertar, o patriarca reconhece impactado: “De fato, o Senhor está neste lugar, e eu não sabia” (Gn 28,16).

O episódio de Betel atesta que o diálogo com o Transcedente não depende dos méritos ou do agenciamento humano. É Deus quem assume a primazia de inclinar-se sobre a história, irrompendo inclusive nos momentos de crise e errância do ser humano. A práxis comunicativa da Igreja se ancora nessa mesma premissa: antes que a comunidade de fé ensaie qualquer discurso sobre Deus, há um Deus que já pronunciou Sua Palavra, que encurtou as distâncias e que permanece soberanamente atraindo a humanidade para Si.

3 A PALAVRA SE FAZ CARNE: JESUS CRISTO E A COMUNICAÇÃO COMO ENCONTRO

Se o Primeiro Testamento apresenta um Deus que fala e entra em relação com a humanidade, o Segundo Testamento eleva essa dinâmica à sua expressão máxima. “E a Palavra se fez carne e veio morar entre nós” (Jo 1,14). A Encarnação constitui o núcleo da compreensão cristã do fenômeno comunicativo. O Criador não transmite simplesmente uma mensagem; comunica-se a si mesmo. O Verbo assume a fragilidade da nossa carne, inserindo-se em uma história, em uma cultura, em um corpo e na própria linguagem humana.

A Carta aos Hebreus atesta que Deus falou “muitas vezes e de muitos modos e, nestes tempos derradeiros, falou-nos por meio do Filho” (Hb 1,1-2). A autoexpressão divina alcança, em Cristo, uma forma definitiva: o Transcendente torna-se próximo, visível e acessível. Por conseguinte, Jesus supera a figura de um mero emissor de doutrinas religiosas; Ele é a própria Palavra eterna corporificada. Sua práxis histórica de anunciar o Reino constitui, portanto, a referência essencial para toda ação evangelizadora.

A Constituição Dei Verbum apresenta o Cristo como mediador e plenitude de toda a Revelação, ressaltando que, nele, Deus se dirige aos seres humanos como a amigos e com eles convive para convidá-los à

comunhão consigo (DV, 1965, n. 4). A comunicação eclesial encontra aqui seu critério fundamental: Deus não salva à distância. Ele se aproxima.

3.1 Jesus: a Palavra que encontra pessoas

Os Evangelhos testemunham que o Nazareno anuncia o Reino não apenas por meio de grandes discursos, mas sobretudo na tessitura dos encontros. Ele encontra pessoas concretas em suas situações concretas: enfermos, empobrecidos, pecadores, mulheres, estrangeiros, discípulos e todos aqueles que tateiam em busca de sentido para a própria existência.

Sua aproximação é sempre marcada pela proximidade e pelo respeito à alteridade. Jesus indaga: "O que queres que eu faça por ti?" (Mc 10,51). Em outra circunstância, provoca os seguidores: "E vós, quem dizeis que eu sou?" (Mc 8,29). À mulher samaritana, inaugura um diálogo a partir de uma necessidade cotidiana: "Dá-me de beber" (Jo 4,7). Essas cenas revelam uma pedagogia que recusa a imposição de respostas prontas, preferindo abrir um espaço hospitalar no qual o interlocutor possa emergir e falar.

Jesus comunica ao permitir que as pessoas verbalizem sua própria vivência. Daí decorre a urgência de a ação eclesial recuperar essa dimensão do encontro. Evangelizar ultrapassa o mero repasse de um conteúdo doutrinal; consiste em tecer as condições para que o outro faça a experiência do Evangelho. O anúncio cristão se consolida na relação. A Boa-Nova não é uma informação desencarnada, mas um acontecimento vivo capaz de transfigurar a existência.

3.2 A escuta como condição da comunicação

A tradição bíblica estabelece a audição atenta como postura fundamental da fé: "Escuta, Israel" (Dt 6,4). Antes de assumir a palavra, o discípulo é aquele que acolhe o ensinamento. Essa dimensão ganha particular relevância quando se avalia a práxis comunicativa da Igreja. Uma

instituição que fala continuamente, mas carece da capacidade de ouvir, contradiz a própria lógica da Revelação.

Jesus testemunha essa primazia da escuta em sua maneira de aproximar-se das pessoas. A indagação, o silêncio, a atenção e a capacidade de acolher a narrativa alheia constituem elementos essenciais de sua pedagogia. A comunicação cristã, portanto, não pode ser reduzida à competência retórica ou à eloquência; ela exige uma disposição interior para acolher o outro como sujeito. Nesse sentido, comunicação e alteridade são inseparáveis. Só existe verdadeiro diálogo quando o interlocutor não é tratado como mero destinatário passivo da mensagem, mas reconhecido em sua dignidade de parceiro no encontro.

Essa perspectiva encontra profunda consonância na reflexão de Puntel, para quem as transformações no cenário comunicacional exigem uma correlata virada na mentalidade pastoral. A comunicação contemporânea coloca em xeque os modelos tradicionais baseados exclusivamente na difusão unilateral e convida a Igreja a assumir processos mais interativos e participativos (Puntel, 2011, p. 221-242).

4 DO VERBO À VOZ: PENTECOSTES E A COMUNHÃO NA DIVERSIDADE

A dinâmica comunicacional inaugurada na criação encontra no evento de Pentecostes um desfecho particularmente significativo. Em At 2, a efusão do Espírito Santo congrega indivíduos provenientes de diferentes povos e culturas. Esse acontecimento não dilui as particularidades; ao contrário, manifesta que a comunhão se realiza justamente no cerne da pluralidade. Os presentes indagam atônitos: “Como é que nós os ouvimos falar, cada um em nossa própria língua?” (At 2,8). Essa provocação assume caráter fundante para uma teologia da comunicação: o prodígio de Pentecostes não reside na imposição de um idioma universal, mas na capacidade divina de fazer com que a diversidade se compreenda.

O relato oferece, assim, uma chave pneumatológica essencial para a práxis cristã: a unidade não exige uniformidade. A Igreja não é instada a

neutralizar as marcas culturais, linguísticas ou sociais para anunciar o Evangelho, mas a viabilizar caminhos para que a Boa-Nova ecoe respeitando a singularidade dos interlocutores. Sob esse prisma, o Cenáculo se ergue como o perfeito contraponto à arrogância de Babel. Enquanto esta última representa a linguagem submetida às pretensões de poder, padronização e centralização, Pentecostes consagra uma sinfonia de vozes em que o Espírito torna viável a mútua inteligibilidade e o vínculo comunitário.

Não se trata, portanto, de massificar o discurso, mas de permitir que a mensagem da graça seja acolhida por sujeitos históricos em suas próprias trajetórias e culturas. A evangelização precisa apropriar-se dessa pedagogia do Espírito: falar de tal modo que o outro se sinta compreendido, sem exigir que ele renuncie à sua identidade. Esse imperativo ganha contornos dramáticos para uma comunidade eclesial inserida em realidades plurais. A Igreja local desfigura sua missão quando tenta colonizar a linguagem das diferentes periferias existenciais que encontra. Afinal, a inculturação do Evangelho exige, indissociavelmente, uma inculturação da própria comunicação.

5 A IGREJA QUE COMUNICA: DA TRANSMISSÃO À PARTICIPAÇÃO

A reflexão teobíblica deságua, necessariamente, no horizonte eclesial. Sendo o ato comunicativo uma dimensão intrínseca da própria Revelação, a comunidade de fé não pode circunscrever sua missão evangelizadora apenas aos aparatos técnicos que maneja. Joana Puntel identifica, no percurso histórico da Igreja, uma transformação progressiva na autocompreensão de sua relação com a mídia. Esse itinerário amadurece através de diferentes etapas até alcançar a urgência do diálogo profundo entre fé e cultura. Para a autora, o desafio contemporâneo transcende a mera adaptação das linguagens, exigindo uma conversão de mentalidades e das próprias práticas pastorais (Puntel, 2011, p. 221-242).

Essa virada assume contornos de urgência diante da cultura digital. Puntel (2017, p. 487-509) observa que a arquitetura midiática contemporânea implode os modelos unilineares em favor de dinâmicas reticulares, interativas e colaborativas. Consequentemente, o repasse da tradição cristã precisa ser repensado diante de um novo perfil de sujeito e de novos ecossistemas expressivos.

A questão crucial, portanto, ultrapassa a indagação se a Igreja deve ou não habitar as redes sociais; o imperativo reside em como habitá-las. Estar presente em uma plataforma digital não equivale, necessariamente, a estabelecer comunicação. É perfeitamente possível ocupar ambientes virtuais, veicular conteúdos diariamente e, ainda assim, manter-se fechado ao diálogo. A presença eclesial na rede deve espelhar a lógica da Encarnação: proximidade, vínculo e encontro. Por isso, é necessário passar: da transmissão ao diálogo; da audiência à participação; da emissão à escuta; da visibilidade ao encontro; da informação ao testemunho.

Esse deslocamento não significa negligenciar o querigma ou relativizar o depósito da fé. Ao contrário, implica descortinar vias de anúncio que guardem coerência com a sua própria natureza originária. A experiência cristã não germinou como um sistema abstrato de ideias, mas como um acontecimento histórico comunicado por testemunhas e partilhado em comunidade. A Igreja primitiva “perseverava na doutrina dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações” (At 2,42). A comunicação e a comunhão revelam-se, assim, desde a aurora eclesial, como realidades visceralmente entrelaçadas.

6 DA COMUNICAÇÃO À COMUNHÃO: CRITÉRIOS PARA A PRÁTICA PASTORAL

O itinerário bíblico-teológico oferece critérios essenciais para a comunicação da Igreja:

Comunicar é sair de si: Inspirada no Deus que vai ao encontro da humanidade, a Igreja deve romper barreiras e habitar novos territórios —

como a cultura digital —, priorizando a criação de vínculos reais em vez da mera difusão de conteúdos.

Comunicar é escutar: A ação pastoral começa pela escuta atenta e espiritual. Ouvir significa acolher a história, a linguagem e a realidade do outro antes de formular respostas.

Comunicar é respeitar a alteridade: Pentecostes mostra que a diversidade não impede a comunhão. Em uma sociedade plural, a evangelização rejeita a imposição e a agressividade, construindo-se pelo diálogo e pelo respeito às diferenças.

Comunicar é gerar encontro: O horizonte eclesial na internet supera métricas digitais de engajamento. O foco está na qualidade das relações e na capacidade de transformar conexões virtuais em experiências reais de acolhimento.

Comunicar é testemunhar: A mensagem cristã convence pelo testemunho vivo e não apenas por palavras. A Igreja comunica com fidelidade quando suas relações manifestam o amor, a justiça e a comunhão que ela anuncia.

7 Os 350 ANOS DA ARQUIDIOCESE DE OLINDA E RECIFE: MEMÓRIA QUE SE TORNA MISSÃO

A celebração dos 350 anos da Arquidiocese de Olinda e Recife oferece um horizonte privilegiado para pensar a comunicação da Palavra como dimensão intrínseca da missão evangelizadora. Recordar o caminho percorrido permite discernir os passos urgentes para o amanhã. A questão fundamental é: como uma Igreja com tamanha densidade histórica pode anunciar o Evangelho a uma geração que interage e se expressa de maneiras inteiramente distintas das anteriores?

Essa indagação exige uma fidelidade criativa. A Igreja local precisa continuar transmitindo o querigma, sem pressupor que os códigos comunicativos permanecem inalterados. Puntel constata que as

transformações tecno-culturais geram novas formas de relação com a fé, com Deus e com a instituição eclesial (PUNTEL, 2017, p. 489-497). O jubileu arquidiocesano constitui, portanto, uma oportunidade providencial de discernimento sobre a nossa própria gramática de anúncio.

A Igreja de Olinda e Recife possui uma história marcada por ricas expressões evangelizadoras. Hoje, redes sociais, ecossistemas digitais, podcasts e vídeos configuram uma nova ambiência cultural que desafia a pastoral. O imperativo cinge-se em discernir como habitar esses novos areópagos sem diluir a centralidade do Evangelho.

O jubileu torna-se o momento propício para questionar: Que rosto eclesial estamos testemunhando? Que imagem de Deus transparece em nossas narrativas digitais? Sabemos escutar antes de pronunciar nossa palavra? Nossas paróquias conseguem ser espaços de acolhida e comunhão real também para aqueles que chegam pelas redes? Essas interrogações deslocam a comunicação do âmbito puramente instrumental para o coração da teologia pastoral e da espiritualidade.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão bíblico-teológica desenvolvida evidencia que a ação comunicativa na pastoral não se reduz à mera transmissão de conteúdos ou ao uso eficiente das mídias. Trata-se de uma práxis teológica, pois diz respeito ao modo como a comunidade eclesial torna visível, no tecido da história, o Deus que por essência se autocomunica e se revela.

No contexto dos 350 anos da Arquidiocese de Olinda e Recife, essa constatação adquire urgência profética. O jubileu convida a Igreja local a fazer uma memória agradecida de sua trajetória, mas funciona também como convocação para discernir como esse legado evangelizador continuará a ser escrito em uma sociedade profundamente reconfigurada pelas novas ambiências digitais. Celebrar essa história exige renovar a indagação sobre a fidelidade dos nossos métodos. A resposta teológica a esse desafio aponta para uma dinâmica que sai de si para encontrar o

outro; que privilegia a escuta; que respeita a alteridade e que gera espaços de comunhão na diversidade. O agir comunicativo deixa de ser uma atividade periférica para ser assumido como dimensão constitutiva da própria missão.

A grande tarefa pastoral do tempo presente consiste em permitir que, através do testemunho encarnado da comunidade cristã, a humanidade possa escutar o Criador que continua perguntando: "Onde estás?". É nesse ponto que se opera a passagem da Palavra ao encontro. A comunicação da Igreja torna-se evangelizadora quando conduz as pessoas a experimentar o abraço da reconciliação, da esperança e da comunhão no coração do mundo.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA. São Paulo: Paulinas, 2023.

CATARINA DE SENA, Santa. *O Diálogo*. 15 ed. São Paulo: Paulus, 2005.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição dogmática Dei Verbum sobre a Revelação divina*. São Paulo: Paulinas, 1982.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1998.

CONCÍLIO VATICANO II. *Decreto Inter Mirifica sobre os meios de comunicação social*. São Paulo: Paulinas, 1963.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2026-2032*. Brasília: Edições CNBB, 2026.

CORAZZA, Helena. *A comunicação nas celebrações litúrgicas*. São Paulo: Paulinas, 2015.

DICASTÉRIO PARA A COMUNICAÇÃO. *Rumo à presença plena: uma reflexão pastoral sobre o engajamento nas redes sociais*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2023.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. *Ética nas Comunicações Sociais*. São Paulo: Paulinas, 2000.

PUNTEL, Joana Terezinha. A Igreja a caminho, na comunicação. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 221-242, jul./dez. 2011.

PUNTEL, Joana Terezinha. A transmissão da fé na nova arquitetura da comunicação contemporânea. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 15, n. 46, p. 487-509, abr./jun. 2017. DOI: 10.5752/P.2175-5841.2017v15n46p487.

PUNTEL, Joana Terezinha. Vaticano II: uma nova perspectiva para a Comunicação. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, n. 99, 2021.

RUSO, Roberta. *A Árvore da vida e outros símbolos cristãos*. São Paulo: Paulinas, 2021.